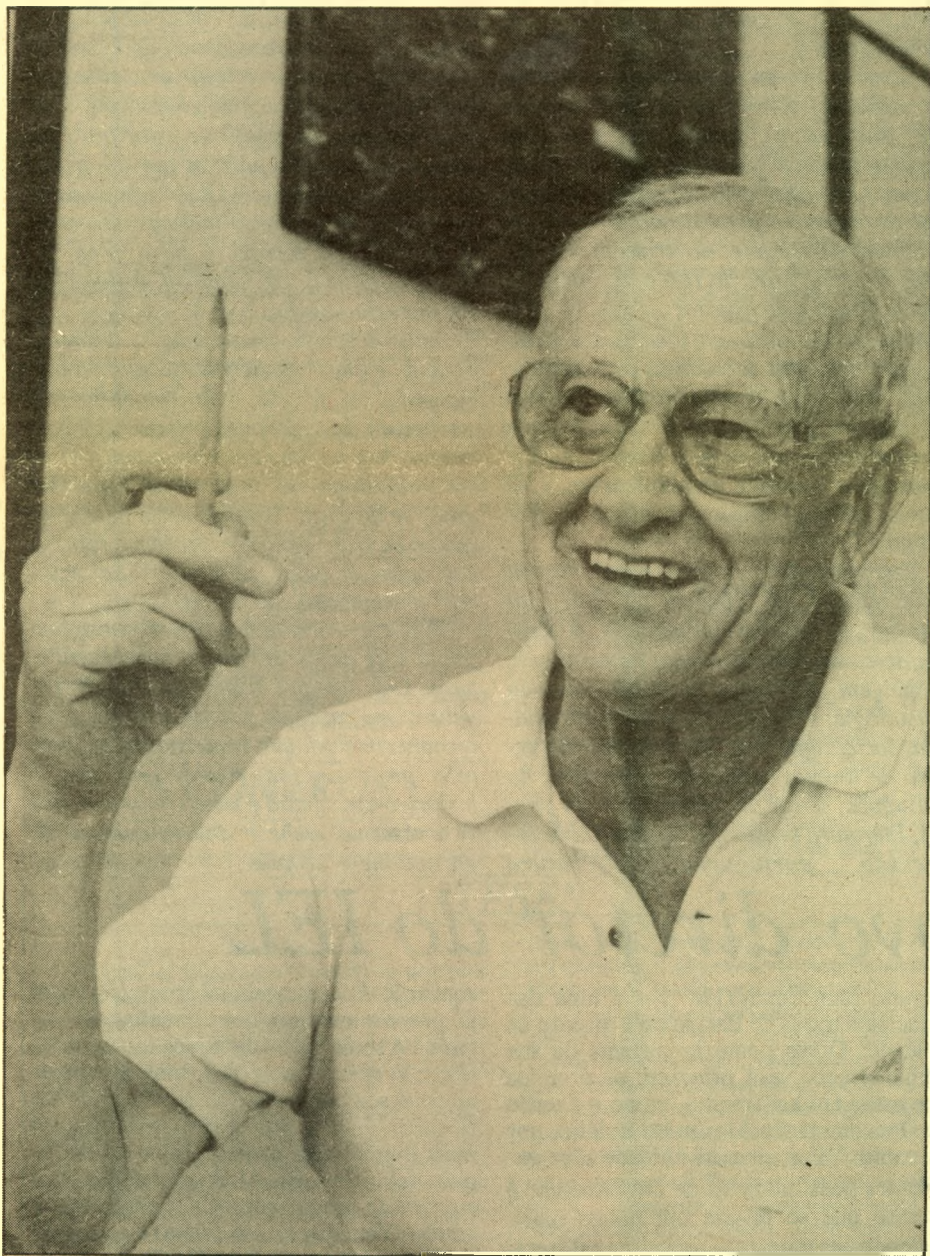
JORNAL DA Unicamp

Campinas, fevereiro de 1991 Ano V — nº 52

Peso de bebês é investigado

A sobrevida de um recém-nascido é não raro proporcional a seu peso e à sua idade gestacional. Nos hospitais públicos, é alto o índice de bebês que nascem com menos de 2.500 gramas. Os dados são revelados em estudo da pediatra Maria Aparecida Brenelli, da Unicamp. **Página 4.**

A identidade brasileira sob o olhar de um europeu

O filósofo Michel Debrun, do Centro de Lógica da Unicamp.

Quase 170 anos depois da autonomização política do país, existiria realmente uma identidade nacional brasileira? O Brasil é uma comunidade socialmente harmoniosa e integrada do ponto de vista étnico, cultural e político? O povo brasileiro tem plena consciência de sua situação no mundo enquanto sociedade específica e enquanto nação? Há cerca de 35 anos questões como essas vêm preocupando o filósofo e pesquisador do Centro de Lógica da Unicamp Michel Debrun, um francês radicado no Brasil desde 1956 e que, na tradição de grandes intelectuais europeus como Roger Bastide, Lévi -Strauss e Stefan Zweig, vem se dedicando à análise da realidade brasileira. Em novembro passado, Debrun recebeu o título de Professor Emérito da Unicamp, em sessão solene do Conselho Universitário. Esta entrevista foi concedida ao **Jornal da Unicamp** logo a seguir. **Página 3.**

Línguas do Xingu terão dicionário

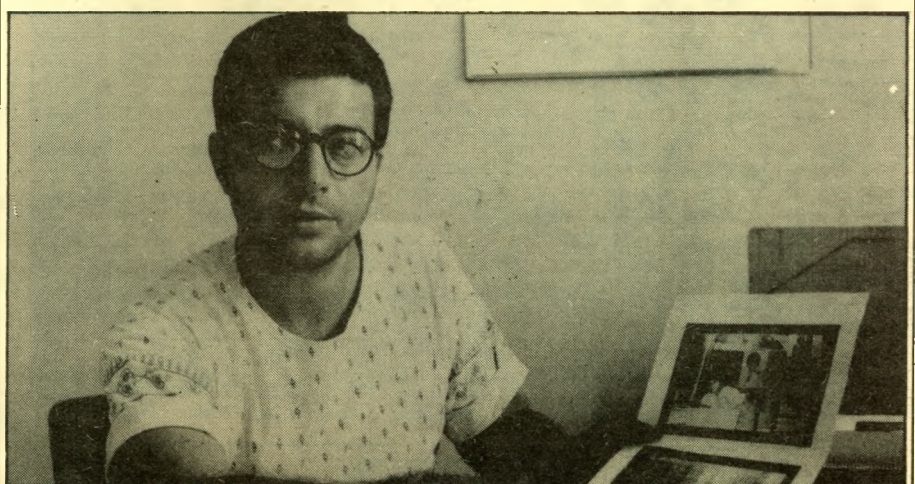
Um grupo de oito lingüistas de diferentes instituições coordenado pela professora Lucy Seki, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, vem trabalhando há anos no estudo e na dicionarização de 13 das 17 línguas faladas no Parque Indígena do Xingu. A preservação do aspecto lingüístico do parque foi solicitada à pesquisadora pelas próprias lideranças indígenas, que perceberam a importância do trabalho para sua sobrevivência enquanto comunidades específicas. A primeira fase da pesquisa inclui a preparação de um dicionário e de uma gramática kamayurá, além de um livro de histórias, lendas e mitos dessa tribo. Lucy Seki trabalha com os índios do Xingu desde 1968. **Página 4.**

Programa vai premiar docentes

No contexto do ''Projeto Qualidade'', o reitor Carlos Vogt instituiu um programa de bolsas de reconhecimento acadêmico destinado a estimular e ao mesmo tempo consagrar publicamente o desempenho de docentes da Unicamp que têm se destacado por sua produção científica, didática e intelectual. O total de bolsas a serem distribuídas anualmente corresponderá a 2% do número de docentes de cada unidade de ensino e pesquisa. A participação dos docentes no programa está vinculada à preparação e entrega de seus relatórios bienais de avaliação. Na opinião do pró-reitor de Pesquisa, Armando Turtelli, a iniciativa concorrerá para o aprimoramento do ensino e da pesquisa. **Página 5.**

Severino busca sua identidade no palco

Um músico de rua nega sua raiz nordestina e, para tentar gravar um disco, encarna sucessivamente várias identidades: a do paulista, do retirante mineiro, do gaúcho e finalmente do americano do norte. Este é o assunto de uma peça preparada por alunos do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp a partir de pesquisas de rua. **Página 8.**

Mestrando transforma sapateiros em fotógrafos

O pós-graduando Fernando de Tacca, da Unicamp, colocou três câmeras fotográficas nas mãos de sapateiros da cidade paulista de Franca e pediu que eles registrassem livremente o seu cotidiano. O resultado dessa experiência está em sua tese de mestrado recentemente defendida no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes. **Página 8.**

Opinião

Breve crônica de um desafio

Eduardo Guimarães

A falta de um projeto político claro e socialmente sustentado para a área de ensino e pesquisa é a dificuldade de fundo para a atividade educacional e de produção de conhecimento no Brasil. Este quadro de grandes oscilações tem sido, ainda, mais instável, quando se trata de pensar a área das humanidades e das artes.

A par disto a predominância maciça, hoje, de um discurso tecnológico cria desafios muito particulares para os que produzem arte ou conhecimento nestas áreas. E traz o desafio específico, relativamente ao próprio objeto de conhecimento, de se pensar o funcionamento deste discurso, que busca estabelecer a validade social do conhecimento só por seus resultados práticos imediatos.

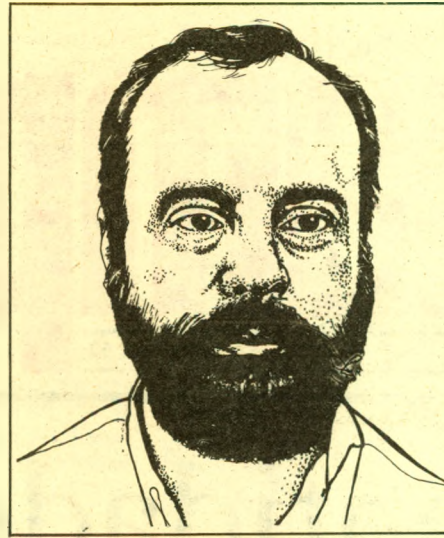
*É neste quadro que procurei atender ao convite do **Jornal da Unicamp** para falar de uma experiência acadêmico-administrativa em uma unidade de ensino e pesquisa da área das chamadas ciências humanas, o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).*

O IEL, no seu conjunto, vem ocupando um lugar de destaque para o real desenvolvimento dos estudos sobre linguagem no Brasil, tanto por estar formando docentes e pesquisadores para as universidades de todo o Brasil e de vários países da América Latina, como por transitar por lugares teóricos de discussão e produção de conhecimento que o colocam na vanguarda destes estudos no Brasil e em permanente diálogo com os centros internacionais cuja produção interessa pela qualidade e pertinência.

Para que uma instituição possa se desenvolver ela exige, além da qualidade de seu quadro de pessoal, planejamento e a possibilidade de ter sempre uma disponibilidade suplementar de infra-estrutura. Esta disponibilidade, a ser ocupada num passo seguinte, é que permitiria um certo ordenamento no desenvolvimento de uma instituição. Mas a condição de país pobre e a falta de uma política clara no Brasil impõem tantas urgências que parece impossível esta previsão mínima. Assim, a administração passa a exigir uma capacidade de projetar no vazio e na busca de infra-estrutura.

A infra-estrutura de um instituto da área de humanidades é fundamentalmente seu acervo bibliográfico e boas condições de acesso a ele; um acervo significativo, na extensão e na qualidade, de documentos (e os documentos não são somente os antigos, mas também os atuais), e as condições adequadas de manuseá-los; laboratórios que permitam a observação e a análise de dados de uso efetivo da linguagem; uma adequada informatização dos instrumentos de trabalho (e esta condição já traz para a atividade do pesquisador da área a presença de um novo desenvolvimento da tecnologia, que pode passar a ser elemento fundamental da metodologia de trabalho, ou meramente instrumento auxiliar na descrição).

Dadas as condições gerais postas acima e a natureza do Instituto de Estudos da Linguagem e da infra-estrutura necessária a seu melhor funcionamento, procuramos, nos quatro anos que estivemos como diretor do IEL: aumentar o acervo da biblioteca, que de 29.000 livros passou para 57.000, e conseguir seu crescimento físico (de 6 aumentou-se para 35 o número de salas de estudo na biblioteca), permitindo assim melhores condições de funcionamento; desenvolver e consolidar o Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, para o qual pudemos comprar, com importante apoio da Reitoria, acervos como o do próprio professor Alexandre Eulálio, e o de Oswald de Andrade; sustentar o programa de publicações do Instituto, que dá ao IEL, através de um crescente intercâmbio, o acesso a importantes títulos de periódicos que não temos ainda por assinatura; renovar e ampliar o sistema de laboratórios, inclusive com a compra, com financiamento do Eximbank, de um polígrafo de 8 canais com pneumotacógrafo e um sonógrafo digital, ambos computadorizados; instalar uma sala de observação com espelho espião e uma sala com capacidade de gravação de som ambiente; instalar um auditório com capacidade para 142 lugares.

Na área de ensino e pesquisa tivemos a consolidação de um programa de mestrado em Lingüística Aplicada e a implantação de um doutorado em Teoria Literária. Ainda no campo do ensino, pudemos fazer uma revisão de nosso catálogo de graduação, e uma importante

Eduardo Guimarães é coordenador da Editora da Unicamp e ex-diretor do Instituto de Estudos da Linguagem.

experiência com um curso de especialização de longa duração para professores da rede pública de ensino de primeiro e segundo graus.

Como apoio aos departamentos buscou-se, sempre, sustentar os projetos e eventos planejados, tendo em vista as necessidades e diversidades dos interesses de cada departamento. Neste âmbito ainda, procurou-se possibilitar a vinda de professores visitantes ao instituto e a viagem de professores do IEL para congressos no Brasil e no exterior, pois o IEL tem sempre participado, com uma contribuição significativa, dos debates na área dos estudos de linguagem, tanto no Brasil quanto no exterior. E a ação do instituto levou a uma produção, nestes quatro anos, que resultou, por exemplo, na publicação de 90 livros, 125 capítulos de livros e 357 artigos.

Esta produção e os textos publicados ou apresentados em congressos têm feito avançar, até mesmo implantando, no Brasil, áreas de trabalho como aquisição da linguagem, análise de discurso, fonética e fonologia, sintaxe, semântica e pragmática, sociolingüística, neurolingüística, estudo de línguas indígenas, gramática do português, teoria da narrativa e do poema, literatura brasileira, literaturas de expressão portuguesa, literatura latino-americana, tradução, estudos sobre alfabetização, ensino da leitura e produção de texto, ensino da literatura, ensino de segunda língua e ensino de português como segunda língua.

Quanto às necessidades de institucionalização, levamos à congregação para discussão e deliberação, desde o regimento da própria congregação até regulamentações sobre o Centro de Documentação (Cedae), a Biblioteca, o Sistema de Laboratórios, o Regimento da Pós-graduação, as condições sobre recursos de alunos sobre suas notas. Neste plano a congregação discutiu várias vezes, sem ter ainda deliberado, o regimento geral do instituto. Seria necessário registrar, ainda, a criação do Conselho de Administração dos funcionários, com um regimento interno por eles aprovado e que está incluído na minuta do regimento do IEL que vem sendo discutida pela congregação.

Ao lado disso, procuramos também apoiar várias associações ligadas a nossa área de trabalho, bem como vários projetos que envolvem pesquisadores de outras instituições brasileiras; construir uma sede para o Centro Acadêmico de Letras e Lingüística (Call) e atribuir uma sala para a representação de pós-graduação, bem como atribuir uma sala de estar para os professores e outra para os funcionários.

Juntamos a isso a instalação de três sistemas de telefonia para facilitar as comunicações para dentro e para fora do instituto, para o que, também, instalamos um aparelho de fax.

Estas ações se deram sempre na perspectiva de que o conhecimento sobre a linguagem só se dá, efetivamente, no movimento das diferentes posições teórico-metodológicas, num processo onde a heterogeneidade é necessária. Assim, torna-se de capital importância para este campo de trabalho a compreensão radical dos muitos sentidos expressos no enunciado "o conhecimento é crítico".

E este enunciado nos insere no espaço político de nossa atividade como intelectuais. Com este predicado podemos desenvolver uma razão de natureza social, para o conhecimento, que é interna ao seu próprio processo, na medida em que o histórico-social não é visto como algo que se acresce ao conhecimento, mas como algo que lhe é próprio.

Rodolfo Ilari é o novo diretor do IEL

Ele pretende priorizar projetos já em andamento e criar outros.

O Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp está sob nova direção: o pesquisador Eduardo Roberto Junqueira Guimarães transferiu o cargo ao também lingüista Rodolfo Ilari, no dia 22 de janeiro. Ilari, responsável pelo lançamento dos "Cadernos de Estudos Lingüísticos", revista do Departamento de Lingüística do IEL, é autor de inúmeros livros — entre eles *Semântica* publicado em 1986, em colaboração com João Wanderlei Geraldi, também do IEL, e *Lingüística Românica*, ainda no prelo, a ser lançado pela Editora Ática — além de artigos na área.

O professor Ilari é doutor em Ciências (Lingüística) pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, título obtido em 1975, e desde 1978 é assessor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Dar continuidade ao trabalho desenvolvido por seu antecessor — em sua opinião, "muito bem conduzido" — é uma das principais metas de Ilari junto à direção da unidade. Outro ponto importante de sua administração será priorizar os projetos que estão em andamento, como o Centro de Documentação Alexandre Eulálio, por exemplo. "Por ser uma unidade com excelentes possibilidades de crescimento, é preciso que se invista um pouco mais, podendo-se, muito em breve, transformá-la num local para realização de eventos culturais", ressalta.

Projetos de pesquisa voltados para a aquisição da linguagem na criança — "que já proporcionaram bons resultados" — também serão alvos de novos investimentos, não apenas materiais, mas sobretudo de recursos humanos. De acordo com Ilari, o IEL da Unicamp é responsável pelos mais importantes projetos sobre o português falado no Brasil desenvolvidos por equipes de pesquisadores altamente qualificados. Seu diretor associado é professor e ensaísta Francisco Foot Hardman, autor, entre outros, de importantes estudos como *Nem pátria nem patrão* e *Trem fantasma*. **(A.R.F.)**

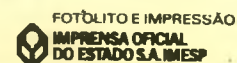
Ilari é cumprimentado por Guimarães, em solenidade presidida pelo reitor Carlos Vogt.

Dois registros

1 — Esta edição, a exemplo da de janeiro, sai excepcionalmente com 8 páginas. Em março o **Jornal da Unicamp** retomará o seu perfil habitual de 12 páginas.

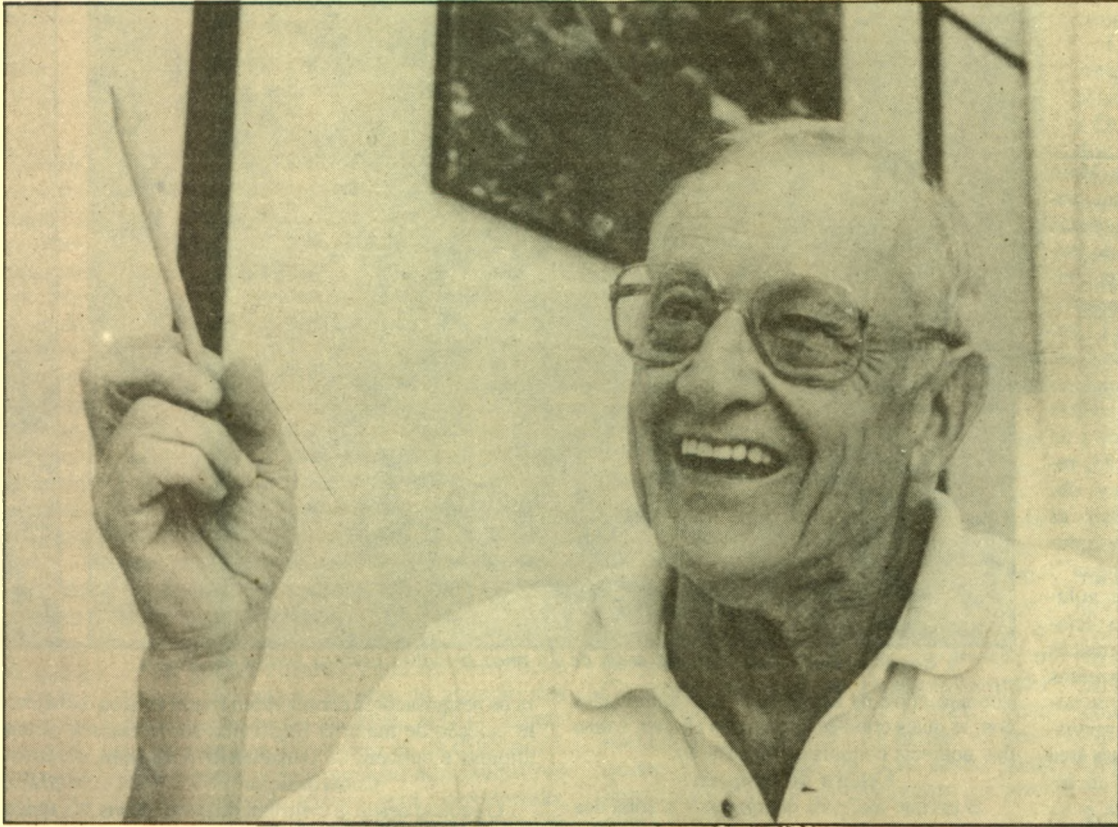
2 — Por um erro técnico, a edição de janeiro de 1991 saiu com data de 1990. Pedimos excusas aos leitores.

Reitor — Carlos Vogt
Vice-reitor — José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão — César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação — Adalberto Bono M.F. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa — Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação — José Dias Sobrinho
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas — SP. Telefones (0192)39-7865, 39-8394 e 39-8404. Telex (019)1150. Fax (0192)39-3848.
Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Fotografia — Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração e Arte Final — Oséas de Magalhães
Diagramação — Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos — Clara Eli Salinas, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior, Sônia Regina T.T. Pais e Dulcinéa Ap. B. de Souza.

FOTOLITO E IMPRESSÃO

Vendas, ramais: 257 e 325
Telex: 011-34557 — DOSP
Caixa Postal: 8231 — São Paulo
C.G.C. (M.F.) N.º 48.066.047/0001-84

Entrevista: Michel Debrun

Em busca da identidade nacional

Na tradição dos intelectuais europeus que, neste século, se voltaram para a análise da realidade brasileira, o professor Michel Debrun, ex-titular de filosofia política da Unicamp, há 35 anos vem pensando a questão da identidade nacional. Egresso da École Normale Supérieure e da Sorbonne, perito da Unesco durante dois anos no Irã, a maior parte da sua carreira acadêmica deu-se, entretanto, no Brasil. Foi professor de ciência política na Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro) de 56 a 60, e professor de filosofia moral e política na USP, de 60 a 66. Chegou à Unicamp em 1970, onde atuou como professor e pesquisador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas até 1988, quando se aposentou. Em novembro passado, o Conselho Universitário da Unicamp concedeu-lhe o título de Professor Emérito. Nesta entrevista, o professor Debrun faz uma síntese das conclusões a que chegou após tão longa convivência com os contrastes e paradoxos da sociedade brasileira, sobre os quais está escrevendo um livro.

Michel Debrun, há 35 anos pensando a realidade nacional.

Jornal da Unicamp — Como e quando começou o seu interesse pelo Brasil?

Michel Debrun— Desde os meus tempos na École Normale Supérieure (ENS), em Paris nos anos 40. Lembro-me que nessa época eu era atraído pela imensidão do Brasil e pelo colorido da sua heterogeneidade cultural e étnica. Tinha, é claro, a vi-

> ***"No Brasil, não demorei para encontrar intelectuais com quem descobri afinidades".***

são folclórica e condescendente típica do europeu. Assim mesmo o meu interesse era abrangente, indo da geografia (li um pesadíssimo livro sobre a geomorfologia da Serra da Mantiqueira) até a história e a política, passando pela economia e a sociologia, *Pionniers e Planteurs de São Paulo*, de Pierre Monbeig, que devorei. A aura de fascínio aumentou quando vi, em 1954, o filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto. E mais ainda, algum tempo depois, em novembro de 55, quando soube pelo *Le Monde* que o general Lott tinha dado um golpe antigolpe, "para restabelecer os quadros constitucionais vigentes". A coexistência do cangaço e do constitucionalismo— mesmo porque parecia haver militares legalistas— me intrigava. De modo geral o Brasil se afigurava a terra dos contrastes e de que fala o sociólogo Roger Bastide. Queria saber, então, se esses paradoxos eram aparentes ou reais— e, caso eles ou alguns deles fossem reais, se não haveria por trás uma unidade secreta, capaz de dar conta da multiplicidade e da heterogeneidade.

JU — Foi então o desejo de desvendar paradoxos que o trouxe ao Brasil?

Debrun— Acredito que sim. Veja, após deixar a ENS e ter passado a minha *agréation* de filosofia, lecionei durante dez anos na França. Mas me sentia longe, olhando para a América Latina e singularmente para o Brasil, espreitando qualquer oportunidade de me transferir para cá. Portanto, quando me foi feito um convite para vir lecionar ciência política na Ebap (Escola Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro) da Fundação Getúlio Vargas, aceitei com entusiasmo. E não demorei para encontrar intelectuais com quem manteria a seguir amizade e afinidade. Refiro-me, por um lado, ao poeta e crítico literário Mário Faustino (meu assistente na FGV) e a seu grupo, que me iniciaram nas controvérsias em torno da poesia concreta (cheguei a colaborar nas páginas "Poesia Experiência" do *Jornal do Brasil*). E, por outro lado, aos ideólogos do Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), para o qual o sociólogo Guerreiro Ramos, que lecionava também na Ebap, me levou em 58. Eu não passava, no Iseb, de conferencista ocasional e de observador simpatizante, mas, assim mesmo, o convívio com homens como Guerreiro Ramos, Roland Corbisier, Cândido Mendes de Almeida, Hélio Jaguaribe e, sobremaneira, Álvaro Vieira Pinto— a meu ver o maior filósofo brasileiro— se revelou rico.

JU — Mas o que haveria de tão importante no pensamento dos isebianos?

Debrun — Eram obcecados pela formulação de um "projeto de auto-afirmação nacional" que, sob a orientação de uma ideologia do desenvolvimento, deveria permitir reconstruir a sociedade brasileira de ponta a ponta. Ou melhor, construí-la como nação, já que esta, segundo eles, nunca teria existido antes do Brasil, a não ser em termos formais, jurídico-diplomáticos. Trabalhavam, portanto, na elaboração e na difusão dessa ideologia ou "ideologia-projeto", buscando a adesão, em torno dela, dos "setores dinâmicos"

> ***"Existe mesmo no Brasil uma ideologia do fisiologismo, da conciliação".***

da sociedade. Forjar-se-ia assim uma identidade nacional, pela própria participação coletiva no projeto. E, dado que a substância do projeto devia ser ideológica, o principal alvo da ideologia do desenvolvimento era o desenvolvimento dessa mesma ideologia, mais do que os objetivos econômicos, sociais ou políticos-institucionais que ela pretendia porventura definir. Tudo isso— tanto a idéia de um recomeço radical da sociedade brasileira com a ênfase sobre o fator ideológico— era no limite (isto é, em A.V. Pinto) genialmente delirante. Mas desvendava para mim, como uma lente ampliadora, uma face essencial do Brasil.

JU — Data daí sua preocupação com a identidade nacional? Existiria realmente uma identidade brasileira?

Debrun— Bem, o diálogo permanente com os ideólogos concretistas (ou anticoncretistas, ou neoconcretistas) e com os ideólogos isebianos suscitava inevitavelmente essa preocupação. Pois, de um lado, eu lidava com pensadores ciosos de estimular, tanto no plano estético como no sócio-político, atitudes individuais ou coletivas hiperconscientes, voluntaristas, "construtivistas". Atitudes que às vezes eu observava também no homem da rua, embora despojadas das minúcias e labirintos teóricos cultuados pelos intelectuais. Como, por exemplo, em frases do tipo "esse Brasil não tem mesmo jeito; não se pode emendar; tem de tudo recomeçar", que seriam mais difíceis de encontrar, digamos, na conversa corrente do europeu. Mas, de outro lado, eu não podia deixar de constatar a famigerada "fisiologia" brasileira, isto é, o senso do compromisso, do favor, do jeito, às vezes do "deixa disso" ou até da negociata. Existe mesmo uma "ideologia da fisiologia", a ideologia da "conciliação", que pretende fundamentar, legitimar certos desses comportamentos. E mais: ideologismo e fisiologia podem impregnar, de modo alternado, as atitudes das mesmas pessoas ou do mesmos grupos. Perguntava-me, então: que país é este, que pode abrigar tais oposições, intra-individuais ou intra-grupais? A resposta, provavelmente, deve ser buscada na longa duração brasileira, nos mecanismos de dominação que, desde as origens, se reproduzem em *feed-back*. E que, até hoje, tem deixado como única opção, aos grupos dominados e às elites dissidentes, a escolha— ou melhor, a contínua oscilação— entre a acomodação (daí a fisiologia) ao que chamo de "estrutura brasileira de autoridade",e a tentativa de volta por cima, de quebra radical do "sistema" (daí o ideologismo e seus repetidos fracassos— pelo menos no plano sócio-político). Uma parte do livro em andamento é reservada à análise daquela rígida "estrutura de autoridade".

JU — E tudo isso dificulta a existência ou a constituição de uma identidade nacional brasileira?

Debrun — Evidente. A identidade— qualquer identidade, aliás, e não apenas a nacional— requer certa coerência e continuidade. Mesmo porque ela há de ser enunciada pelo próprio possuidor dessa identidade. Lembre-se desse candidato presidencial que repetia incansavelmente: "meu nome é Enéas". Ele precisava dizer para ser, para ter a identidade "Enéas". Ora você, ou os brasileiros de modo geral, têm essa mesma necessidade, mas, justamente, não podem proferir sobre si mesmos duas coisas contraditórias. Talvez, a rigor, isso seja concebível no plano estético ou lúdico: quando o Tropicalismo e, antes, Mário e Oswald de Andrade, diziam, e procuravam expressar em obras ou comportamentos, "somos, nós brasileiros, ao mesmo tempo, o arcaico e o moderno, a cultura endógena e a cultura importada etc.", eles pretendiam definir uma "meta-identidade". O que Hegel teria chamado de "identidade da identidade e da não identidade". Mas, no plano sócio-político, um indivíduo ou uma coletividade não podem se declarar, a não ser brincando, ao mesmo tempo fisiológicos e ideológicos. Há de escolher. Mesmo porque as duas vertentes implicam modalidades de ação incompatíveis entre si. Daí cheguei a concluir que, nesse plano, não há, ainda, identidade nacional. Houve apenas esboços dela, no Brasil urbano do período populista. Mas eles próprios foram bloqueados, castrados ou artificialmente redirecionados — isto é, colocados a serviço do "Brasil Pátria Grande" — durante a ditadura.

JU — Mas não haveria ao menos um caráter nacional brasileiro?

Debrun — Sem dúvida, apesar das objeções que se fez a essa noção. Acho que é útil para designar hábitos e atitudes que sedimentam ao longo da história e que são mais ou menos comuns aos membros de uma sociedade global, como a brasileira, embora possam ser moduladas diversamente de acordo com os indivíduos, os grupos sociais, as regiões. A diferença da identidade nacional, não precisam ser enunciados para existir. Podem permanecer inconscientes e, por isso mesmo, caóticos, contraditórios entre si, como o são no Brasil fisiologia e ideologia. Mas a identidade nacional, nas nações "clássicas", se tem constituído em grande parte, precisamente, contra essa multiplicidade caótica, embora a partir dela. Através de estratégias de seleção que enfatizam tal aspecto em detrimento de tal outro, dentro do caráter nacional. É essa seleção, ou a invenção de sínteses unificadoras (em vez de simples justaposições),

> ***"Aquele candidato que dizia: 'meu nome é Enéas'... Ele precisava dizê-lo para sê-lo".***

que ainda não se deu no Brasil, no âmbito sócio-político.

JU — Por que essa insistência negativa sobre a esfera sócio-política? Haverá outro plano em que a identidade nacional brasileira tenha sido melhor sucedida?

Debrun— É verdade. Dos anos 20 para cá, aproximadamente, uma identidade cultural de base se tem desenvolvido dentro, ou através, dos "mundos" do samba, do carnaval, do futebol e, agora, da telenovela. Não apenas porque todos, ou muitos, gostam de samba etc. Mas porque cada um sabe que os outros gostam e sabem que nós gostamos. O espaço social se torna transparente. Uma "esfera pública" se sedimenta, embora não no sentido de Habermas, pois não se fundamenta no debate e na crítica (como na área política), mas na adesão maciça, e se sabe tal, a certos valores. Aqui a esfera pública culmina na festa, mediada pela televisão, em que o saber recíproco sublima-se num ver recíproco. Seja porque os múltiplos carnavais locais podem se olhar uns aos outros, seja porque a tensão de cada indivíduo, quando de um jogo de Copa do Mundo, se projeta sobre o pano de fundo de um imenso rumor de espera, alegria ou sofrimento emanado de todos os pontos do Brasil.

JU — Telenovela, televisão, rede nacional... Segundo o seu raciocínio, e não obstante os críticos de plantão, a TV Globo acaba sendo um grande fator de identidade nacional?

Debrun— Eu não tenho dúvidas disso. Por mais que os intelectuais falem em alienação, não se pode negar o significado da comunhão que se estabelece em torno dos televisores e que não diz respeito somente ao conteúdo das novelas, mas sobretudo ao fato de que milhões de brasileiros podem falar entre si do que ocorreu no episódio da véspera. Você viajou do Rio a Belém e perdeu o último capítulo. Em Belém vai ter com quem recuperar esse capítulo. Uma narração, com inúmeros narradores, se espalha através do país. O Brasil se reúne a si próprio. A telenovela é, no Brasil, o que foi, segundo Gramsci, o folhetim no século XIX, na construção da identidade francesa.

JU — Em suma, as áreas (futebol, televisão etc.) em que os brasileiros são mais manipulados e mistificados pelo poder ou pelas classes dominantes seriam também as áreas em que se tornam comunitários e adquirem uma identidade nacional? Não é paradoxo difícil de engolir?

Debrun— Não falaria, sem mais, em manipulação. Ou seja: isso se dá, mas em cima e a partir de uma comunidade real, e não ilusória, que une dominantes e dominados. Você não deve imaginar estes últimos como o Iluminismo imaginava que fosse o clero. Ou seja, como um bando de cínicos que lançaria mão de macetes ideológicos para fazer com que o povo acreditasse numa religião na qual eles próprios não acreditariam. Se assim fosse, então sim, poderíamos dizer que o futebol etc é o ópio do povo brasileiro. Mas não é o caso: por razões que não tenho espaço para expor, os dominantes, com exceção de uns poucos céticos ou cínicos, ficam "envolvidos" pelo futebol etc. É uma das razões, inclusive, pelas quais a sociedade brasileira não explode, apesar das suas fantásticas

> ***"Por mais que se fale em alienação, não se pode ignorar a TV como fator integrador".***

desigualdades e injustiças. Estabelece-se uma fraternidade mínima. Reconheço que, a partir disso, se pode divertir o povo, afastá-lo da discussão de questões perigosas, moderar o acirramento das contendas. Ou mesmo, como no tempo do "milagre", associar o povo, por pouco que seja, ao sonho do "Brasil potência emergente". Mas isso não significa que o futebol etc existe "para" manipular o povo. O futebol, ou melhor, a comunidade futebolística, tem "primeiro" de existir se quiserem que a manipulação se torne possível.

JU — Não poderíamos considerar a identidade nacional que já se faz presente no "plano cultural de base" como a condição, ou a antecipação, de uma identidade mais ampla que se estenderia desta vez ao plano sócio-político?

Debrun — Não acredito que a identidade cultural de base tenha, por si só, força suficiente para estimular o surgimento da identidade em outros planos. Mas, se outros elementos forem reunidos — e parece que as coisas estão caminhando nesse sentido, apesar, ou talvez em virtude do caos, da anomia social — , aquela identidade poderá desempenhar um papel coadjuvante interessante. Quais seriam esses elementos? Veja em primeiro lugar o aprofundamento da crise, que é global (o aspecto moral é muito importante) e não apenas econômico. Pode ser que esse aprofundamento suscite afinal, por reação, algum pacto social que, ele também, não se resumiria ao aspecto econômico. Em segundo lugar, parece generalizar-se a consciência de que qualquer solução terá de se efetivar no quadro nacional. Ou seja, definindo fins e mobilizando meios que sejam essencialmente brasileiros. Não sei como, a curto e médio prazo, se poderia pensar em soluções latino-americanas (por exemplo). Ou como os países ricos iriam ajudar substancialmente. Tudo isso favorece o advento de um "nacional global" que poderia, então, se alicerçar no consenso e na identidade já alcançados na cultura de base. Essa cultura passaria a constituir, ao mesmo tempo, um "impulso" e um "referencial" para as outras facetas da identidade.

(E.G.)

Lingüistas mapeiam o Xingu

Os próprios índios pediram que suas 17 línguas fossem dicionarizadas.

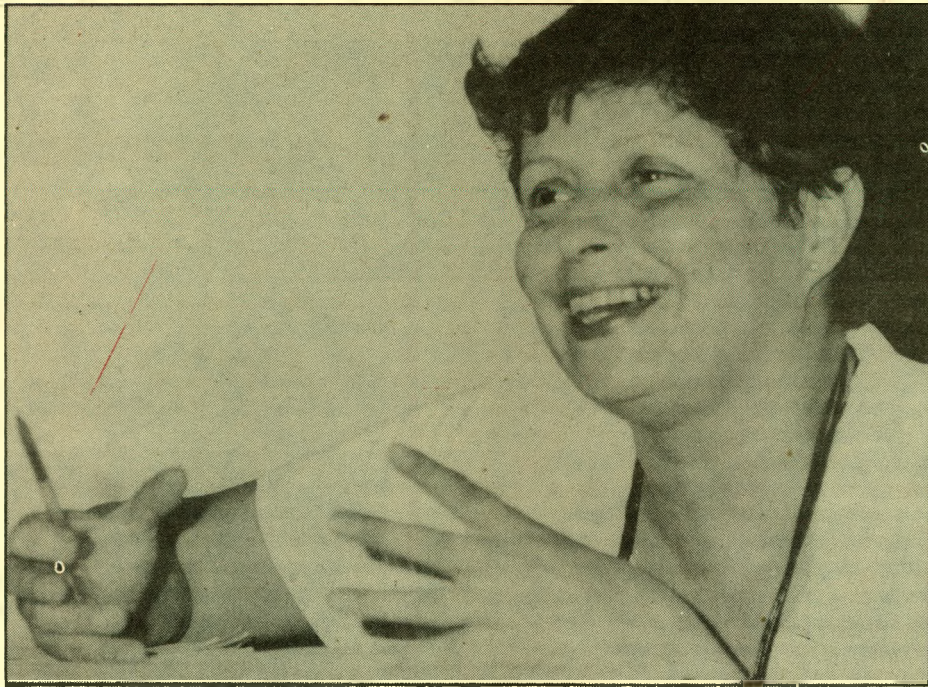
A lingüista Lucy Seki, que há mais de 20 anos trabalha com os índios do Xingu.

Objetos indígenas do Parque Xingu.

Localizado ao Norte do Estado de Mato Grosso, o Parque Indígena do Xingu vem sendo alvo de pesquisa de um grupo de lingüistas coordenado pela professora Lucy Seki, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Não é para menos: nessa reserva nacional convivem diferentes tribos com 17 línguas e 200 falantes, em média, para cada uma. O primeiro resultado prático desse complexo trabalho será o lançamento de um dicionário preliminar da língua kamayurá, com cerca de 2.500 vocábulos. Em fase de elaboração, requer ainda muitas entradas, afirma Lucy, observando ser preciso também "refinar as definições dos verbetes e incluir uma introdução explicativa sobre a gramática da língua".

O trabalho será apresentado em três volumes: a gramática da língua kamayurá, o dicionário português-kamayurá/kamayurá-português e um livro de textos incluindo histórias,mitos e outras narrativas sobre a tribo do mesmo nome. A obra de Lucy Seki não tem data prevista para lançamento. "As publicações nessa área são problemáticas por não apresentarem um interesse comercial", lamenta a lingüista.

O início dos contatos com os kamayurás deu-se em 1968, quando a pesquisadora do IEL esteve no Xingu durante três meses coletando seus primeiros dados. Em 1978 houve breves encontros com os falantes kamayurás, desta vez na Funai em São Paulo. Os estudos sobre o idioma só foram retomados, no entanto, em 1988,já dentro de um projeto maior, que abrange 13 dos 17 idiomas falados na região e que é coordenado pela pesquisadora em resposta a uma solicitação feita pelos diretores do parque, os índios Megaron Txukahamãe e Mairawy Kayabi.

Financiado por órgãos como o Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (Faep) da Unicamp, o projeto vem sendo efetivamente desenvolvido há três anos por uma equipe de oito pesquisadores. Embora os trabalhos de campo sejam restritos aos períodos de férias, o contato dos lingüistas com os nativos se enriquece gradualmente. "Os índios colaboram bastante para a realização do trabalho", conta Lucy, lembrando que a assimilação de outros valores culturais e o envolvimento entre os lingüistas e as comunidades com as quais criou-se um vínculo afetivo, é uma das notáveis conquistas do projeto.

Celeiro de pesquisa

O parque indígena compreende a zona dos rios Curisevo, Tuatuari, Botovi, Ronuru e Culuene, principais formadores do Xingu, além de sua parte marginal até as proximidades da fronteira com o Pará. Nesse território — celeiro fecundo para as pesquisas de campo dos lingüistas, antropólogos, sociólogos e etnólogos —, habitam 17 grupos indígenas que, além de dominarem uma língua isolada,falam 17 outras pertencentes ao tronco tupi e às famílias lingüísticas jê, aruak e karib.

Apesar das dificuldades que vem encontrando, especialmente para a formação do quadro de pesquisadores, Lucy conseguiu organizar uma equipe de oito lingüistas, formando subprojetos para estudar as línguas separadamente. Os estudos visam à constituição de bancos de dados sobre os idiomas do Xingu, bem como um trabalho de documentação de análise dos mesmos. "Até agora o projeto se desenvolveu num ritmo muito próximo do planejado há três anos", diz.

Foram elaborados oito subprojetos específicos para o estudo das línguas yamalapiti, suyá, panará e reinício da kamayurá, em julho de 1988; juruna, trumai e mehinako em julho de 1989; e tapayuma em janeiro de 1990. Até agora os pesquisadores conseguiram reunir uma rara coleção de material lingüístico sobre esses idiomas e também do txukahamãe do kayabi.

Contribuição

O projeto desde já contribui do ponto de vista acadêmico para a ampliação dos conhecimentos científicos sobre as comunidades indígenas do Xingu. Segundo Lucy, é possível relacionar o trabalho a uma produção a nível de pós-graduação, que inclui dois projetos de tese de doutorado, quatro de mestrado e uma dissertação já defendida. Há também cinco artigos publicados, sendo um deles no exterior, três no prelo e 22 comunicações que foram apresentadas em diversos encontros científicos, inclusive nos Estados Unidos.

No âmbito social, a iniciativa dos lingüistas começa a oferecer subsídios à orientação educacional dentro dessas comunidades nativas, para uma intercomunicação que envolve, em sua maioria, pós-graduandos de várias universidades. Na equipe estão Ludoviko Santos, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Luciana Dourado, da Universidade de Brasília (UnB); Marymárcia Guedes, Raquel Guirardello, Mitzila Campos, Maria do Carmo Ivo de Medeiros e Cristina Martins, todas da Unicamp.

Além desses, outros três experientes pesquisadores se integraram recentemente à equipe: Héctor Muñoz, lingüista e sociolingüista da Universidade Autônoma Metropolitana do México; Eni Orlandi, especialista em análise do discurso do IEL; e Alexandra Aikhenvald, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como principal linha de pesquisa a lingüística histórica.

Áreas de estudo

Para viabilizar o trabalho, Lucy dividiu o parque indígena — criado no início da década de 60 —, em três áreas distintas. A região que abriga essa reserva era totalmente desconhecida até o final do século passado. Em 1884 foi visitada pelo etnólogo alemão Karl von den Stein, primeiro branco a pisar em território Xingu. Já naquela época ele constatou através de um levantamento detalhado que os índios conviviam no local há um longo tempo, dada a uniformidade cultural dos grupos, apesar das diferenças das línguas faladas.

Posteriormente, com a invasão do branco em outras reservas indígenas, muitas comunidades foram introduzidas no parque, como os kayabis, entre 1955 e 1970, os txikãos em 1967, os tupuynas em 1970 e os panarás em 1975. A partir da década de 40, a região do Xingu passou a ser percorrida por antropólogos e sociólogos brasileiros e principalmente estrangeiros. O estudo lingüístico, entretanto, estava intocado. O projeto do IEL veio preencher essa lacuna, com planos para a publicação de futuros dicionários e livros sobre essas diferentes tribos e seus idiomas nativos. **(L.C.V.)**

Estudo investiga baixo peso de recém-nascidos

Cresce nos berçários públicos índices de crianças com menos de 2.500 gramas.

A dra. Brenelli e um recém-nascido.

Há quase uma década estudando os aspectos epidemiológicos de recém-nascidos no Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism)— unidade do complexo hospitalar da Unicamp, onde a média atual de partos é de 240 ao mês— ,pediatras da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) estão propondo às autoridades de saúde pública a efetivação de um plano que regionalize a assistência neonatal. Os dados locais comparados com os registrados em outras maternidades, inclusive do exterior, bem como as precárias condições de vida da população e o encaminhamento cada vez mais freqüente de gestantes de alto risco ao Caism, indicam aos especialistas o aumento de recém-nascidos com baixo peso— ou seja, com menos de 2.500 gramas. A chance de sobrevida dessas crianças está condicionada ao atendimento especializado, de resto caro. Os médicos calcularam o custo por internação na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e constataram que a proposta racionaliza recursos: dependendo do quadro clínico, o gasto varia de 31.600 a 2.440 BTN para que a criança deixe o hospital com vida.

O projeto entregue à Secretaria Estadual de Saúde visa a oferecer melhor assistência ao maior número possível de crianças em fase neonatal— que vai do nascimento ao 28° dia— pelo custo mais aceitável. Baseado nos moldes do serviço de neonatologia do Caism, propõe não apenas o atendimento adequado em outros hospitais da região como também a melhoria da atenção primária no pré-natal, que contribuiria para menor incidência de nascimento de crianças com baixo peso.

A realidade, no entanto, mostra que os hospitais precisariam ser dotados de equipamentos modernos e principalmente de pessoal especializado. Há também insuficiência de leitos de terapia intensiva para os recém-nascidos de baixo peso: seriam necessários 45 na região. O Caism dispõe de seis leitos e é para essa unidade do complexo hospitalar universitário que são encaminhadas as pacientes que apresentam risco obstétrico.

Dois hospitais

Vários trabalhos de neonatologistas forneceram subsídios à proposta de regionalização. Entre as contribuições está a de que a idade gestacional da criança, associada ao seu peso e à qualidade do serviço assistencial, influenciam na sobrevida do recém-nascido. Isso significa que a mortalidade é inversamente proporcional ao peso e à idade gestacional do bebê, como concluiu a pediatra Maria Aparecida Brenelli, da FCM, em sua tese de doutoramento intitulada "Estudo epidemiológico da distribuição de peso, idade gestacional e mortalidade neonatal da população de nascidos vivos em duas maternidades de Campinas".

Pela realidade diferenciada da clientela foram escolhidos o Hospital Vera Cruz de Campinas e o Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Enquanto o primeiro dispõe de convênios próprios e recebe pacientes particulares, o segundo atende a gestantes de alto risco encaminhadas pela rede básica de saúde de todo o Estado. Para estudar a probabilidade de morte versus peso e idade gestacional do recém-nascido, em 1986 e 1987 a pediatra acompanhou 1.304 crianças nascidas no Hospital Vera Cruz e 4.677 no Caism.

A distribuição dos dados estatisticamente significantes entre si indicou haver na Unicamp percentual maior de crianças com peso inferior a 2.500 gramas, em relação ao outro hospital: 12,4% versus 6,6% no Vera Cruz. O índice de prematuridade— nascimento antes de 37 semanas de gestação— foi de 7% nos dois locais e é semelhante aos demais serviços do país ou do exterior. "É um fato que merece ainda ser estudado", afirma a neonatologista.

Outros estudos

A comparação desses com outros dados reforça a constatação da médica, desde aquela época, quanto ao elevado índice de nascidos com baixo peso na Unicamp. De acordo com o estudo do pediatra José Martins Filho, também da FCM, entre 1975 e 1985 na Maternidade de Campinas a taxa de recém-nascidos com menos de 2.500 gramas foi de 8,6%. Em várias capitais brasileiras, nos anos de 1978 e 1979, o pediatra Fernando José Nóbrega constatou 8,3% de casos entre quase 102 mil nascimentos.

Maria Aparecida Brenelli aponta outras pesquisas que permitem delinear o quadro de atendimento no Caism. "Em Pelotas, Rio Grande do Sul, entre todos os recém-nascidos vivos em 1982 encontraram-se 8,1% de casos de bebês com baixo peso". Há países onde o percentual é bem menor, como nos Estados Unidos: no ano de 1979, entre mais de 3,4 milhões de crianças, verificaram-se 7,2% de casos. Na Finlândia, no decorrer de 1981 e 1982, foi de 3,8% para 5.365 recém-nascidos vivos.

Custo para sobreviver

Após avaliar os dados referentes aos dois hospitais para o seu trabalho de doutoramento, a especialista não parou de registrar no banco de dados do serviço de neonatologia do Caism cada detalhe anotado nas fichas de internações da UTI. "Poucos são os estudos epidemiológicos realizados na América Latina", lembra a pediatra ao citar que no Caism "o índice de baixo peso de 12,4% verificado em 1986 e 1987 se manteve no ano seguinte, aumentando para 15,2% em 1989 e para 16,1% no ano passado". Entre os motivos que a pesquisadora atribui para o aumento da incidência está a atenção cada vez mais especializada oferecida pela Unicamp e a crescente demanda do hospital.

Maria Aparecida enfatiza que ao influir na sobrevida dessas crianças o índice de baixo peso passa a ser considerado uma questão de saúde pública. "Esses bebês têm maior risco de doenças e portanto de mortalidade, sendo que para evitar as mortes e proporcionar melhor qualidade de sobrevida é necessária assistência médica adequada. O caminho para se conseguir esses objetivos é a racionalização dos custos dentro de um programa de atenção regionalizada à população neonatal", explica a pediatra.

Informados de que no exterior os valores desse atendimento são extremamente elevados, restava aos médicos do Caism conhecer o custo real de internação de um recém-nascido doente. O pediatra Fernando Facchini, chefe do serviço de neonatologia, foi o responsável pelo estudo no qual se constatou que para recém-nascidos com peso menor de 1.000 gramas sobreviverem, o custo atual pelo período de internação é de 31.600 BTN. Cada criança com peso entre 1.000 e 1.500 gramas, quando recebe alta, custa aos cofres públicos 19.396 BTN.

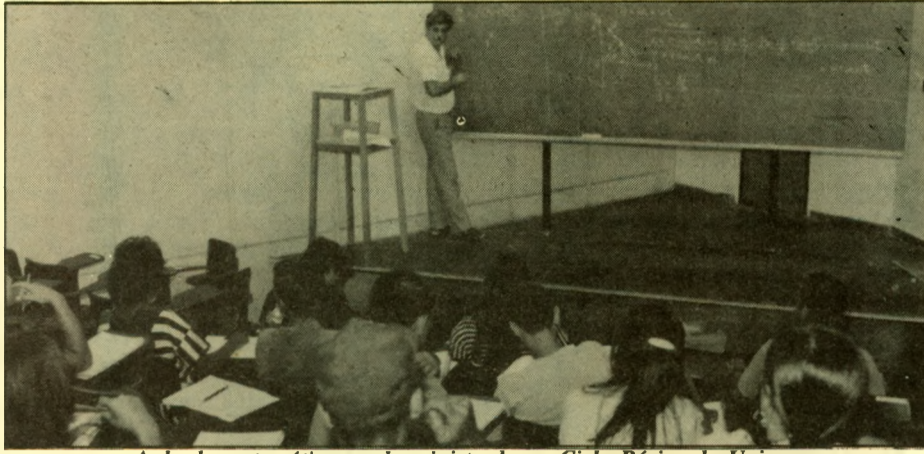
O levantamento de custos realizado por Facchini indica ainda que os bebês doentes que nascem com peso entre 1.500 e 2.000 gramas requerem 5.580 BTN; os de 2.000 a 2.500 gramas, 2.320 BTN; e aqueles com 2.500 gramas ou mais de peso, 2.440 BTN. A médica avalia que são custos inviáveis para qualquer pessoa que não recorra a uma atenção médica institucionalizada ou assegurada por convênios. **(C.P.)**

Bolsas consagram mérito docente

Reitor implementa programa de reconhecimento acadêmico.

Ao ampliar e intensificar o nível das atividades acadêmica, científica e pedagógica através do "Projeto Qualidade", instituído pela Universidade visando à melhoria do ensino, a Reitoria está implementando o programa de bolsas de reconhecimento acadêmico. Trata-se de uma forma de estimular e ao mesmo tempo consagrar publicamente o desempenho dos docentes que têm se destacado por sua produção científica. Os contemplados receberão mensalmente, por dois anos, o valor correspondente ao salário base do professor MS-3, contratado em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa (RDIDP).

"O mérito docente se mede através do desempenho acadêmico no ensino, na pesquisa, na extensão e na qualidade intrínseca da produção intelectual", afirma o reitor Carlos Vogt, autor da idéia. "Mas também pela capacidade de iniciativa, de liderança e na atuação individual e coletiva pela melhoria dos cursos de graduação e de pós-graduação". Com o programa de bolsas, enfatiza o reitor, os serviços são agora avaliados pela qualidade dos resultados dos trabalhos e não por parâmetros meramente burocráticos.

As bolsas de reconhecimento acadêmico foram instituídas através da portaria 233/90, de 28 de novembro passado. O total de bolsas a serem distribuídas anualmente corresponderá a 2% do número de docentes de cada unidade de ensino e pesquisa, sendo os recursos provenientes do orçamento próprio da Unicamp. De acordo com as normas, cada unidade poderá inscrever até 6% dos seus docentes. O pró-reitor de Pesquisas da Universidade, professor Armando Turtelli, explica que esse novo procedimento de avaliação dos professores exige apresentação de relatórios bienais de atividades.

Aula de matemática sendo ministrada no Ciclo Básico da Unicamp.

Na mira dos alunos

Segundo Turtelli, cada relatório deve incluir "as várias facetas de atuação dos docentes de todas as áreas, seja no aspecto da pesquisa, do ensino ou da extensão". Até mesmo o desempenho administrativo na unidade acadêmica será considerado, assim como o esforço junto às agências de fomento para a obtenção de recursos. Para isso, afirma, impressos serão distribuídos às faculdades e aos institutos contendo itens relacionados a horas-aula, orientação de pesquisas e ainda aos aspectos voltados para as avaliações feitas pelos próprios alunos quanto ao exercício profissional dos professores.

Na mira do corpo discente da Unicamp estão, há algum tempo, os docentes dos cursos de física, das engenharias elétrica e mecânica e ainda economia, avaliados até mesmo no que se refere ao preparo das aulas. No entanto, em poucas unidades essas avaliações tinham validade para fins de ascensão no quadro da carreira docente. Sistemas semelhantes como o recém-implantado na Unicamp existem em algumas universidades norte-americanas e européias, lembra Turtelli. No Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) vem mantendo o pagamento de bolsas de pesquisa, por períodos de dois anos, para aqueles com maior envolvimento em pesquisa e ensino.

Janeiro de 1992

Para serem premiados através das bolsas de reconhecimento acadêmico, os docentes da Unicamp têm que passar pelo crivo de especialistas da mesma área de atuação. O mecanismo para isso, no entanto, segue ainda o cronograma estabelecido na portaria 233/90. A primeira providência é o professor enviar um pedido ao chefe do seu departamento, que encaminha a inscrição — até o dia 30 de agosto de cada ano — para uma comissão de especialistas designada pela respectiva congregação da unidade.

Conforme o exposto no artigo 6º, as congregações das unidades entregam à Comissão Permanente de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa (CPDI) a relação dos candidatos já selecionados, acompanhada dos respectivos relatórios e pareceres dos especialistas das áreas afins. Caso a CPDI julgue insuficiente algum parecer, automaticamente excluirá o docente e não caberá recurso quanto à decisão. Pelo cronograma, a comissão selecionará os contemplados até o dia 30 de novembro do ano correspondente e a partir do ano seguinte — ou seja, em janeiro de 1992 — é que os professores premiados começam a receber as bolsas.

Reconhecimento público

Na opinião do pró-reitor de Pesquisas, esse é um programa que estimula não apenas a produtividade docente, como também melhora o ensino e a pesquisa, ao mesmo tempo que representa um reconhecimento público ao esforço dos professores. Acredita-se que, anualmente, em torno de 50% dos docentes da Universidade irão concorrer às bolsas. Nesse processo há inclusive um esquema elaborado para a entrega dos relatórios.

Uma vez que se estima em cerca de 2.100 o número de relatórios submetidos à apreciação da comissão, os docentes nascidos em anos pares deverão entregar o material exigido em anos terminados com algarismos pares. O mesmo vale para aqueles nascidos em anos ímpares, sendo que nos dois casos todos os concorrentes às bolsas devem entregar a documentação exigida no mês em que aniversariam. O cálculo inicial é de que sejam entregues mensalmente perto de 100 relatórios **(C.P.)**

Unicamp recebe em março 1.708 novos alunos

Medicina, odontologia e engenharia elétrica foram os cursos mais procurados este ano.

O dia 7 deste mês representa um novo marco para aqueles que, aprovados na segunda fase do vestibular nacional da Unicamp, iniciam em março a vida acadêmica na universidade mais concorrida do país — pela segunda vez foi registrada a média de 21 candidatos inscritos, para as 1.708 vagas oferecidas este ano em 37 cursos. Nesse dia, primeira quinta-feira de fevereiro, a Diretoria Acadêmica (DAC) recebe as matrículas dos convocados pela primeira lista de aprovados no vestibular 91 da Unicamp.

Os 1.708 calouros, incluindo os aprovados para os cursos da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) e do Centro Superior de Educação Tecnológica de Limeira (Ceset), devem comparecer ao Ginásio Multidisciplinar Universitário (GMU), localizado no campus, entre 9 e 16 horas. Para efetuarem suas matrículas os novos alunos têm, necessariamente, que apresentar toda a documentação exigida, conforme está relacionado no Manual do Candidato. A matrícula pode ser feita através de procuração, com firma reconhecida em cartório, o que entretanto não será permitido para a confirmação da mesma, no dia 22 de fevereiro, também no GMU.

Lista de espera

Pelas normas universitárias, juntamente com a primeira, segunda e terceira listas de convocados para as matrículas, estarão sendo divulgadas as respectivas listas de espera. Os candidatos dessas listas podem efetivar as matrículas se houver vagas de desistências daqueles chamados no dia anterior. Ou seja, os relacionados na primeira lista de espera podem se matricular no dia 8, no mesmo horário e local, caso existam vagas de candidatos da primeira lista de convocação que não comparecerem no posto do DAC, localizado no GMU, no dia 7 de fevereiro. Do contrário, as matrículas ocorrem até o limite de vagas disponíveis, sendo rigorosamente obedecida a ordem de classificação.

A Diretoria Acadêmica chama a atenção para o seguinte: aqueles que optaram para diferentes cursos de uma mesma carreira podem ter seus nomes relacionados em mais de uma listagem. Por exemplo, na primeira lista de convocação e na segunda lista de espera. Isso ocorre uma vez que é permitida a inscrição de candidatos para diferentes cursos de uma só carreira — por exemplo, os cursos de engenharia de computação e engenharia mecânica, na carreira de Ciências Exatas e Tecnológicas —, fato que possibilita o remanejamento entre os cursos. Cada vez que o nome de um candidato nessa situação aparecer numa determinada listagem, ele deve comparecer ao posto do DAC e definir seu caso.

Os mais concorridos

Entre os 35.568 candidatos inscritos para o concurso do vestibular nacional de 1991, havia 7.405 disputando as 90 vagas oferecidas pela Unicamp para o curso de medicina, sendo o mais disputado e apresentando a relação de 82,28 candidatos/vaga. O segundo mais concorrido foi o curso de odontologia com 3.565 inscritos (44,56), seguido de engenharia elétrica com 2.900 (41,43), engenharia de computação em quarto lugar com 3.455 inscritos (38,39) e em quinto engenharia mecânica, com 2.416 concorrentes (34,51).

Dados da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp sobre a distribuição de candidatos por região, mostram que 31,4% dos inscritos procederam da capital paulista, 29,8% de Campinas, 27,2% do interior de São Paulo, 8,3% de outros estados e 3,3% da região da Grande São Paulo — Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. **(C.P.)**

CALENDÁRIO DE MATRÍCULAS

Data	
07/02/91 Quinta-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula de todos os candidatos convocados na primeira lista de aprovados.
08/02/91 Sexta-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula dos candidatos relacionados na primeira lista de espera.
18/02/91 Segunda-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula dos candidatos convocados na segunda lista de aprovados.
19/02/91 Terça-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula dos candidatos relacionados na segunda lista de espera.
22/02/91 Sexta-Feira	Confirmação de Matrícula obrigatória para todos os candidatos matriculados em decorrência das 1ª e 2ª chamadas e das 1ª e 2ª listas de espera.
28/02/91 Quinta-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula dos candidatos convocados na terceira lista de aprovados.
01/03/91 Sexta-Feira	Das 9:00 às 16:00 horas matrícula dos candidatos relacionados na terceira lista de espera.

O louco de Gogol ressurge no campus

Ator freqüenta hospício para melhor representar a loucura.

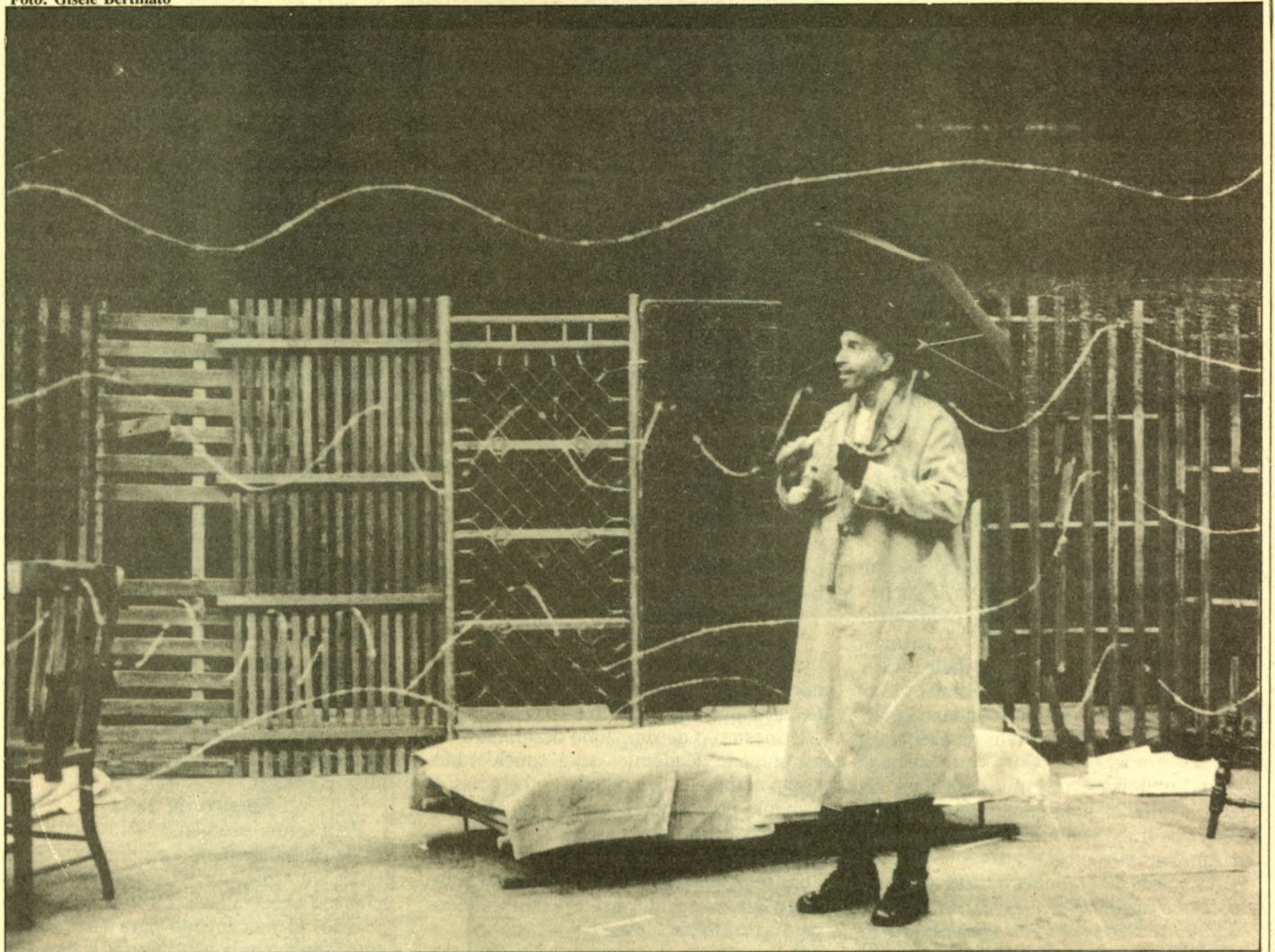
A cabeleira preta foi literalmente tosada. O tradicional bate-papo com amigos numa mesa de bar foi substituído por longas e pouco agradáveis entrevistas com pacientes internados no hospital psiquiátrico do Juqueri, localizado no município de Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo. Estes foram alguns dos sacrifícios a que se submeteu o ator José Tonezzi para interpretar o monólogo *Diário de um louco*, do escritor russo Nicolai Gogol. O desempenho do ator — que acaba de receber o certificado da primeira turma de graduandos do curso de artes cênicas da Unicamp — teve repercussão imediata. Mal iniciou a temporada no teatro do Colégio Evolução, Tonezzi recebeu o convite oficial para participar do 8º Encontro Universitário de Teatro que acontecerá no período de 23 de fevereiro a 3 de março deste ano em Liège, na Bélgica.

Os contatos com os organizadores foram iniciados no ano passado, quando o ator enviou a Liège o material sobre o seu trabalho. Analisada por membros da organização do evento, a proposta, ao ser aceita, abre caminho para a participação de espetáculos latino-americanos no encontro. Esta é a primeira vez que um trabalho produzido fora dos limites da Europa é incluído no programa. "Trata-se de uma oportunidade ímpar que permitirá oferecer ao público europeu uma pequena mostra do que se produz nos palcos acadêmicos brasileiros", avalia Tonezzi. Segundo o ator, estão sendo mantidos entendimentos no sentido de levar o espetáculo a outros palcos da Europa. Após o evento em Liège, Tonezzi deverá se deslocar até Roma para mostrar aos italianos a versão brasileira da obra de Gogol.

O espetáculo

Dirigido por Reinaldo Santiago, professor do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade, o espetáculo, recentemente apresentado no Espaço Retrô, em São Paulo, revela uma história de amor, tormento e loucura. Nesse monólogo, Tonezzi interpreta o papel de Propritchitchine, um funcionário público que enlouquece diante da impossibilidade de conquistar a mulher amada. Vários estrados de cama, mesa e cadeira envolvidos por arame farpado compõem basicamente o cenário que, embora pesado, é amenizado pela trilha sonora. "A música proporciona uma espécie de contraponto", diz o ator.

Esta não é a primeira vez que este texto de Gogol é levado ao palco no Brasil. A estréia ocorreu na década de 60, numa montagem de Rubens Correa dividida em três atos com três horas de duração. No trabalho da Unicamp, Santiago enxugou o texto para 50 minutos, promovendo improvisações que deixam o público sem saber se as cenas ocorrem no hospício ou em outro ambiente. "Retiro tudo que não é dramático, porém sem perder a essência do texto", diz o diretor.

Foto: Gisele Bertinato

Para interpretar o louco de Gogol, Tonezzi freqüentou um hospital psiquiátrico e reviu suas próprias concepções da loucura.

Da concepção da idéia ao espetáculo pronto, foram quatro meses de ensaios. Durante o período, Santiago permaneceu atento ao desempenho de Tonezzi, que faz nesse trabalho sua estréia em monólogo. "Para que um espetáculo dessa natureza não se torne cansativo para o público é necessário que o ator se identifique com o texto", diz Santiago. Segundo ele, Tonezzi transmite essa interação em cada personagem que interpreta, mostrando momentos entre a realidade e a ilusão, entre a sanidade e a loucura. Para o ator, o estágio atual foi possível após sucessivas entrevistas com internos do Juqueri. "Obtive o referencial para a lógica do texto", diz Tonezzi. Ele constatou que o doente mental de hoje em nada difere do louco descrito por Gogol em 1834. De forma tragicômica ele mostra que o louco produz sua fantasia, procura dar vazão a ela e por isso é marginalizado pela sociedade.

Os artistas

Tonezzi, 29 anos, é integrante da primeira turma do curso de artes cênicas da Universidade. Recém-formado, bate às portas do mercado profissional carregando na bagagem cinco prêmios conquistados como melhor ator coadjuvante da peça *Na roça*, texto de Belmiro Braga escrito nos anos 20. A montagem foi apresentada em 1988, quando Tonezzi ainda era aluno da Unicamp. Hoje, ele divide suas atividades entre a arte de interpretar e as atribuições de diretor do Festival Internacional de Teatro (FIT), que prepara para este ano a sua segunda edição.

Reinaldo e Tonezzi: Gogol "made in Brazil" para belgas e italianos.

Aos 39 anos, Reinaldo Santiago caracteriza-se pela sua versatilidade: ele escreve, dirige e interpreta. Formado pela Escola de Arte Dramática da USP, o professor da Unicamp acaba de ser um dos contemplados com o prêmio oferecido pela Fundação *Vitae*. Em 1975 ele integrou o grupo que ficou conhecido na época como "Pessoal do Victor" — nome recebido em menção ao primeiro espetáculo do grupo chamado *Victor ou as crianças no poder*. Após seis trabalhos realizados, Santiago deixou o grupo e montou *Lux in tenebris*, que conta ainda com a participação de Márcio Tadeu e Marcília Rosário, ambos docentes da Universidade.

Em 1978 Santiago foi convidado pela Unicamp a integrar a equipe que constituiu o núcleo de teatro que deu origem ao atual Departamento de Artes Cênicas. Todo o trabalho de diretor e de autor foi desenvolvido na Universidade. Como autor ele conquistou o "Prêmio Arte em Cena - 88", com o texto *Até onde a vista alcança*. No momento, além de dirigir a peça de Nicolai Gogol, Santiago está trabalhando em *Entre dois carnavais*, também de sua autoria. **(A.C.)**

VIDA UNIVERSITÁRIA

EM DIA

Sem violência — Nas primeiras quatro semanas de aula, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Unicamp irá receber os novos alunos com uma programação diversificada que enfocará o tema "Violência nunca mais". Estão sendo organizados shows, projeções de filmes relacionados ou não aos direitos humanos e ainda uma gincana. A entidade pretende estender a programação aos alunos dos campi de Limeira e de Piracicaba. No ano passado a calourada teve como principal atividade o plantio de centenas de mudas de árvores pelo campus — era o trote ecológico. Este ano, o DCE espera chamar a atenção contra a violência dos trotes nas universidades, bem como contra a discriminação às minorias, às crianças, aos povos das florestas e ao desmantamento, por exemplo. Um dos motivos que levou a entidade a optar pelo tema foi o traslado das ossadas desenterradas do Cemitério Dom Bosco, em Perus, para a Unicamp, a fim de que sejam identificadas. Segundo os organizadores do evento, a abertura da vala onde se encontravam os sacos com os ossos trouxe à lembrança de muitos uma página obscura da história brasileira.

FEA perde pesquisador — Faleceu no dia 9 de dezembro último o professor Gerhard Fred Plonis, vítima de derrame cerebral. Ele morreu em Frankfurt, Alemanha, quando se preparava para retornar ao Brasil após quinze dias de viagem a serviço do Simpósio Internacional de Óleos e Gorduras. Plonis nasceu em Dabendorf, comarca de Teltow na Alemanha, em 11 de dezembro de 1925. Iniciou seu curso de Química na Universidade Livre de Berlim em fevereiro de 1949, diplomando-se em 1954. Atuou como consultor de grandes empresas na Europa, Índia e Emirados Árabes no segmento de óleos e gorduras, tendo registradas cinco patentes de sua autoria. Desde 1985 o professor Plonis vinha trabalhando junto ao Laboratório de Óleos e Gorduras da Faculade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp, como consultor-técnico-científico da coordenadoria do projeto "Tecnologia de Óleos Combustíveis". Sua contribuição nessa área foi muito importante para a instalação de uma planta-piloto de processamento de óleos vegetais idealizada de forma prática e criativa.

FIT — Entre 20 e 31 de março o Instituto de Artes (IA) da Unicamp e a Secretaria Municipal de Cultura de Campinas promovem o II Festival Internacional de Teatro (FIT). Está prevista a participação de grupos teatrais de aproximadamente dez países, em 40 eventos. Haverá a Mostra Oficial, com espetáculos de palco, de rua e em espaços alternativos; e a Mostra Paralela, pela qual os grupos cênicos, de Campinas, da região e de outros Estados poderão participar do evento em horários alternativos da Mostra Oficial. Também estão sendo programadas palestras, debates, workshops e oficinas de montagem que serão dirigidas pelos grupos internacionais. Até o dia 11 de fevereiro os grupos interessados em participar podem se inscrever, obtendo maiores informações pelo telefone (0192) 39-8644.

ENCONTROS

Construções rurais — A Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Unicamp promove de 3 a 8 de fevereiro o Seminário Internacional de Construções Rurais, que terá como tema "O papel das construções rurais nos países em desenvolvimento". O principal objetivo é promover o encontro de pesquisadores inclusive de áreas afins, para que sejam discutidos aspectos como o uso de materiais convencionais e alternativos, bem como os princípios de produtividade versus as construções rurais. O evento é organizado juntamente com a Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola (SBEA). Mais informações pelos telefones (0192) 39-7101 e 39-3763.

Veículos leves — O Centro de Tecnologia (CT) da Universidade recebe até o dia 15 de fevereiro as inscrições de profissionais interessados em participar do Simpósio sobre Veículos Leves sobre Trilhos (VLT). O evento acontecerá nos dias 14 e 15 de março, no Auditório da Biblioteca Central (BC) da Universidade e constará de várias câmaras debatedoras. Os assuntos são: conceito de VLT, via permanente, eletrificação, sinalização e controle de tráfego, material rodante, manutenção, suporte técnico, problema da implantação de um VLT, custos e operação. Informações adicionais podem ser obtidas pelos telefones (0192) 39-1103, 39-7251 e 39-7284.

Enfermeiros — A fim de analisar, discutir e refletir sobre as características similares e diversificadas da enfermagem de hospital de ensino no Estado de São Paulo, o Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp e o Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), unidade do complexo hospitalar universitário, realizam entre 16 e 19 de abril o I Encontro Paulista de Enfermeiros de Hospitais de Ensino. O evento, que conta com o apoio da Associação Brasileira de Enfermagem (Aben) Regional de Campinas, acontecerá no Centro de Convenções de Serra Negra. Os temas serão: modelo e prática assistencial, estrutura organizacional e autonomia dos serviços de enfermagem, quadro de carreira, realidade e perspectiva do treinamento e desenvolvimento de recursos humanos, bem como a responsabilidade ética do enfermeiro. Outras informações pelos telefones (0192) 39-7800 e 39-7084.

CURSOS

Automação e Manufatura — As Faculdades de Engenharia Mecânica e Elétrica promovem no período de 4 de março a 13 de dezembro o Curso de Extensão em Automação da Manufatura. O curso visa à capacitação de profissionais na utilização mais eficiente das tecnologias de manufatura buscando maior produtividade, flexibilidade, melhor qualidade e redução dos custos de produção e bens manufaturados. São 15 vagas no mínimo e 25 no máximo para atender a graduados de nível superior em áreas ligadas às de automação da manufatura, como engenharia elétrica, mecânica, de computação e de produção. As inscrições podem ser feitas até 15 de fevereiro. A escolha dos alunos será feita pela coordenação do curso através de exame de curriculum vitae e histórico escolar, além de entrevistas com candidatos. Mais informações pelos telefones (0192) 39-8690 e 39-7090.

LIVROS

Pós-modernidade, livro da coleção Viagens da Voz, terceira edição, reúne textos de Roberto Cardoso de Oliveira ("A categoria (des) ordem e a pós-modernidade da antropologia"), Nicolau Sevcenko ("O enigma pós-moderno"), Jair Ferreira dos Santos ("Barth, Pynchon e outras Absurdetes: O pós-modernismo na ficção americana"), Nelson Brissac Peixoto e Maria Celeste Olalquiaga ("O futuro do passado: a pós-modernidade na ficção científica"). São textos que, basicamente, enfocam a pós-modernidade e sua presença na antropologia, na literatura americana e na ficção científica. A diversidade entre as abordagens transcende a distinção entre os temas e revela múltiplas formas de perceber, sensorial ou racionalmente, essa atitude tão indefinida. Editora da Unicamp.

Unicamp aguarda financiamento espanhol

São US$ 20 milhões para reequipar laboratórios de ensino e pesquisa.

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) espera receber do governo espanhol, até o início do próximo ano, um financiamento de cerca de US$ 20 milhões para a compra de equipamentos de pesquisa e ensino de fornecedores daquele país. Contrato comercial assinado entre o reitor Carlos Vogt e representantes da Focoex (Fomento de Comércio Exterior S.A.), empresa mista espanhola com predomínio de capital governamental, consolidou, no último dia 14 de dezembro, entendimentos iniciados há dezoito meses. O protocolo de intenções foi assinado em maio passado.

O empréstimo, que será coberto pelo governo do Estado, destina-se, segundo o reitor Carlos Vogt, a reequipar os laboratórios de ensino da Universidade — cerca de US$ 12 milhões — e ainda para complementar o processo de reequipamento de laboratórios de pesquisa iniciado em 1989. Todo o espectro de ensino e pesquisa da instituição deverá ser coberto, ressaltando-se, no caso do material para ensino, uma vasta gama de equipamentos de seqüenciamento didático, bancadas de teste, simuladores e máquinas para aplicações didáticas em geral.

Por se tratar do primeiro financiamento espanhol a uma universidade brasileira, as vantagens do contrato, segundo o reitor, são excepcionalmente favoráveis: 50% do empréstimo será transferido via crédito comercial e os demais 50% pelo chamado "crédito brando", com carência de dez anos e prazo final de 20 anos para a quitação integral, a juros de 2% ao ano.

A Unicamp iniciou em 1988 um processo de atualização de seus laboratórios que teve como ponto alto a aquisição nos Estados Unidos de mais 900 importantes equipamentos de pesquisa, aí incluídas 87 estações de computação gráfica já em instalação no campus da universidade. Mais da metade dos equipamentos referentes ao financiamento anterior, de US$ 28 milhões, feito junto ao Eximbank, já foi desembaraçado na alfândega e chegou à Universidade. **(E.G.)**

TESES

Biologia

"Vírus da língua azul: estudo do antígeno viral produzido a partir do sorotipo 4, para fins de diagnóstico sorológico" (mestrado), Candidata: Gonçala Maria Martins Arita. Orientador: professor Antonio F. Pestana de Castro. Data: 17/12.

"Comportamento dos amebócitos circulantes de moluscos planorbídeos frente ao parasitismo por larvas Schistosoma Mansoni, à inoculação de tinta nanquim à fratura da concha" (mestrado) Candidata: Luciane de Seta. Orientador: professor Luís Augusto Guimarães. Data: 27/12.

Lingüística

"O objeto direto nulo no português do Brasil" (mestrado). Candidata: Vilma Reche Corrêa. Orientadora Mary Aizawa Kato. Data: 23/1.

"Narciso em sacrifício: um olhar sobre a poética de Mário de Sá Carneiro" (mestrado). Candidato: Fernando Augusto Magalhães Paixão. Orientadora: professora Maria Lúcia Dal Farra. Data: 24/1.

Medicina

"Prevalência da malabsorção de lactose do adulto na Região do Sul: Aspectos genéticos e evolutivos do poliformismo da atividade da lactase" (doutorado). Candidato: Antonio Cardoso Sparvoli. Orientadora: professora Adriana Sevá Pereira. Data: 4/12.

"Efeitos nofrotóxicos do veneno de Bothrops jararaca e estudo da ação de antagonistas do Paf e da ciclooxigenase no rim perfundido de rato" (doutorado). Candidata: Helena Serra Azul Monteiro. Orientadora: professora Júlia Prado Francheschi. Data 4/12.

"Edema de pulmão e pleurisia induzidos por polications: (mestrado). Candidata: Aurora Santana de Caticha. Orientador: professor Gilberto de Nucci. Data: 6/12.

"Estudo clínico sobre a importância do receptor de estrógeno no carcinoma mamário" (mestrado). Candidato: Luiz Carlos Teixeira. Orientadora: professora Regina de C.B. Pisani. Data: 7/12.

"Aspectos neurológicos de uma população definida de crianças deficientes auditivas" (doutorado). Candidata: Vanda Maria Gimenes Gonçalves. Orientadora: professora Maria Valeriana L.M. Ribeiro. Data: 11/12.

"Tratamento conservador do câncer de mama: estágios I e II" (doutorado). Candidato: Carlos Roberto Monti. Orientador: professor Luís Guilhermo Bahamondes. Data: 12/12.

"Estudo clínico e epidemiológico das dermatoses encontradas na disciplina de dermatologia FCM-Unicamp e comparativos com outras regiões do Brasil e com países subtropicais" (doutorado). Candidato: André Luiz Vergnanini. Orientadora: professora Maria Beatriz Puzzi Taube. Data: 18/12.

"Identificação de agentes eteropatogênicos (bactérias, vírus e parasitas) nas fezes de crianças com diarréia aguda na cidade de Paulínia, SP" (mestrado). Candidata: Elizete Aparecida Lomazi. Orientador: professor Edgard de Ferro Collares. Data 19/12.

Estatística

"Transformações e diagnósticos em regressão" (mestrado). Candidata: Maria Cláudia Cabrini Grácio. Orientadora: professora Gabriela Stangenhaus. Data: 11/1.

"O estimador de razão em cadeia" (mestrado). Candidata: Karla Giovani Soares Mendes. Orientador: professor Sebastião de Amorim. Data: 24/1.

Engenharia

"O sistema QPCM para redução da taxa de Bits do sistema de TV PAL-M com predição sem taf e quantização estatística" (mestrado). Candidato: João Batista Rickhein Filho. Orientador: professor Yuzo Iano. Data: 20/12.

Geociências

"Petrologia e geoquímica do depósito vanadífero da Fazenda Novo Amparo, associado ao complexo máfico-ultramáfico Rio Jacaré, Bahia" (mestrado). Candidata: Edilene Pereira Gomes. Orientador: professor Job Jesus Batista. Data: 4/2.

Humanas

"A nova polícia" (mestrado). Candidato: Guaracy Mingardi. Orientadora: professora Maria Hermínia B.T. de Almeida. Data: 29/1.

Alegres fotógrafos de ocasião

Operários fotografam seu mundo pessoal e o resultado vira tese de mestrado.

A área das ciências sociais, particularmente a da antropologia visual, tem utilizado cada vez mais a fotografia para auxiliar na elucidação de experimentações científicas. A forma como essa prática vem sendo adotada, no entanto, é tão diversificada quanto a criatividade de cada um. Para os mais conservadores, o cientista deve manusear a câmera fotográfica a fim de ilustrar o seu trabalho a partir de uma ótica pessoal. Outros — como o aluno de mestrado do Departamento de Multimeios do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, Fernando de Tacca —, acreditam que essas fotos podem ser produzidas com eficiência pelo grupo pesquisado, capaz de conhecer e reproduzir melhor o próprio universo.

Esse foi o tema escolhido por Tacca — também fotográfo e sociólogo com especialização em antropologia visual — para a elaboração de sua tese de mestrado que tem o título "Sapateiro: o retrato da casa". Após uma análise crítica de diferentes autores, ele encontrou o eixo fundamental de sua dissertação.

A tese

Entre esses autores está o norte-americano John Collier Jr.,que defende o uso da câmera fotográfica pelo pesquisador, enquanto o pesquisador da Unicamp rebate essa teoria em mais de 130 páginas que compõem sua tese, justificando: "A decisão de apertar o botão do registro fotográfico pelo usuário resulta de outras resoluções que envolvem o seu processo de escolha e lhe são impostas historicamente". Ele compara as determinantes tecnológicas dos aparelhos fotográficos a grandes avenidas por onde fluem as intencionalidades implícitas ou explícitas que o ato de fotografar revela.

Numa primeira etapa da pesquisa, Tacca distribuiu três câmeras fotográficas com flashes embutidos — sua única sofisticação — a um grupo de 30 operários pertencentes a quatro indústrias de calçados do município de Franca, no Estado de São Paulo. "O critério de escolha dos participantes foi o mais simples possível", diz Tacca, lembrando que distribuiu pelas fábricas alguns cartazes convidando voluntários para integrar sua pesquisa. O retorno foi rápido e positivo.

Como sugestão aos participantes, o mestrando da Unicamp forneceu apenas um roteiro contendo os seguintes temas: a família, a casa, o bairro, a cidade, o caminho do trabalho e a fábrica. Cada operário permaneceu dois meses com a máquina fotográfica, produzindo fotos de acordo com sua visão do mundo e de seu universo pessoal. Semanalmente o pesquisador visitava os integrantes da equipe em suas moradias, para um acompanhamento do trabalho e recolha do material.

De todos os temas sugeridos por Tacca, "a casa" foi o privilegiado em sua tese, por apresentar maior pureza visual. Além disso, os encontros entre o pesquisador e os operários,por se darem nas residências destes, permitiam uma análise e uma percepção mais apuradas das diversas situações. "A fotografia é um instrumento de auto-representação e de auto-projeção: assim eu me mostro, me escondo e me deixo ver fotograficamente", observa Tacca, ressaltando que por isso mesmo os resultados de sua pesquisa foram satisfatórios.

Detalhes

O pesquisador apreendeu vários elementos da história de vida e do comportamento desses operários através de uma detalhada leitura fotográfica do material obtido. Ele observou que o banheiro, por exemplo, era o último cômodo da casa a ser fotografado. "Trata-se de uma área tabu para a maioria dos participantes do trabalho", afirma. Os operários de origem rural, aqueles recém-chegados à cidade, ao contrário, fizeram questão de fotografar o vaso sanitário de diferentes ângulos. "O banheiro representa para eles o símbolo da urbanidade, do qual se orgulham, já que vieram da roça e não tiveram acesso a esse conforto".

Outros detalhes importantes foram também revelados. Grande parte dos integrantes do grupo pesquisado fotografou suas mulheres na cozinha, próximas ao fogão e no quarto, sentadas na cama do casal. "Esse tipo de imagem aponta para a visão que alguns desses trabalhadores têm da mulher: elas devem ser familiares, boas donas-de-casa, sabendo cozinhar para o marido e os filhos, além de cumprirem bem o seu papel de amantes".

Na literatura internacional, existem outros importantes exemplos de pesquisas na área de antropologia visual, que se utilizaram de diferentes formas de leitura a partir de material produzido por membros da própria comunidade pesquisada. É o caso de um grupo de esquimós que recebeu de um cientista social uma câmera para registrar a pesca da baleia, um ritual comum entre eles. Aqueles nativos dominaram tão bem cada etapa da experiência que os resultados foram muito positivos para o trabalho do pesquisador.

Parâmetros

Com apenas 10 anos de existência, a área de antropologia visual no Brasil está apenas engatinhando. A tese de mestrado do fotógrafo e sociólogo Fernando de Tacca é uma das poucas referências internas aptas a subsidiar os interessados nesse campo de trabalho. Sua pesquisa visa basicamente à investigação metodológica, com resultados a nível do social e do cultural. "Tanto a sociologia como a antropologia poderiam obter mais resultados positivos se utilizassem a fotografia dessa forma em seus experimentos", diz.

Outro objetivo do trabalho é a compreensão de como o tema "a casa" foi construído e percebido fotograficamente, contribuindo de forma real para a pesquisa de campo e para a antropologia visual. Por isso, o pesquisador da Unicamp desenvolveu um itinerário de leitura fotográfica bem demarcado, utilizando seis parâmetros dessa linguagem. São eles: a angulação da câmera, os níveis de profundidade dos objetos, o espaço ocupado por esse objeto (volume) na fotografia, o eixo da horizontalidade, a relativização dos eixos à centralização do objeto e o eixo da verticalidade.

A tese — orientada pelo professor Etienne Samain, do Departamento de Multimeios desde 1984 e também coordenador dos cursos de pós-graduação do Instituto de Artes (IA) da Unicamp — surgiu de um projeto que Tacca iniciou para participar de um concurso de fotografia, denominado "Marc Ferrez", na área de antropologia visual, em 1984. No ano seguinte, ele começou seu trabalho de campo com a análise crítica de obras do gênero, partindo mais tarde para a elaboração da tese. Seu co-orientador foi o professor Ivan Santo Barbosa, atual chefe do Departamento de Multimeios. **(L.C.V).**

Tacca e sua coleção de fotos: o cotidiano dos sapateiros.

As muitas metamorfoses de Severino

Teatro mostra as várias faces da sobrevivência do músico de rua.

A semelhança não está apenas no nome. Nascidos em diferentes lugarejos, eles são retirantes que deixam a árida terra em busca do essencial para a sobrevivência. Nas grandes cidades passam a viver de expedientes, marginalizados e sem um espaço para habitar ou desenvolver sua criatividade. No início, sonham voltar famosos e ricos. O devaneio, contudo, vai aos poucos desaparecendo, assim como seus familiares distantes ou as crianças que "viram anjos", segundo dizem. Eles são os "Severinos" e têm protagonizado, ao longo do tempo, obras de grande efeito dramático como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, publicada pela primeira vez na década de 60, ou *Seven Seven Severino*, elaborada no Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Esta última contextualiza a vida de um imigrante que se transforma em músico de rua, expressando-se em diferentes sotaques.

Através de sua montagem cênica, o aluno Marco Aurélio Coré, autor do trabalho, vive no início da apresentação um nordestino que nega a própria origem e se diz paulistano — "para dar ibope". Em outra cena ele imita um retirante mineiro da fronteira com a Bahia, procedência com a qual Marco Aurélio mais identifica o seu personagem Severino, ou Seven. Em outros momentos caracteriza o imigrante de qualquer região do país.

Durante o espetáculo, Severino chega à cidade de São Paulo e rapidamente vai perdendo sua identidade para garantir o sustento diário. Ele transforma-se em Seven, adquirindo um tom americanizado: "É mais gringo, ajuda a vencer na vida", diz "Trata-se de uma mistura de roqueiro com Sidney Magal, por exemplo, além do imigrante nordestino ou mineiro que habita o seu interior. O Severino passa a ser, então, apenas a alma desse personagem", explica a diretora do espetáculo, Graziela Rodrigues, professora de dança brasileira e montagem cênica do Departamento de Artes Corporais da Unicamp.

Disco e fama

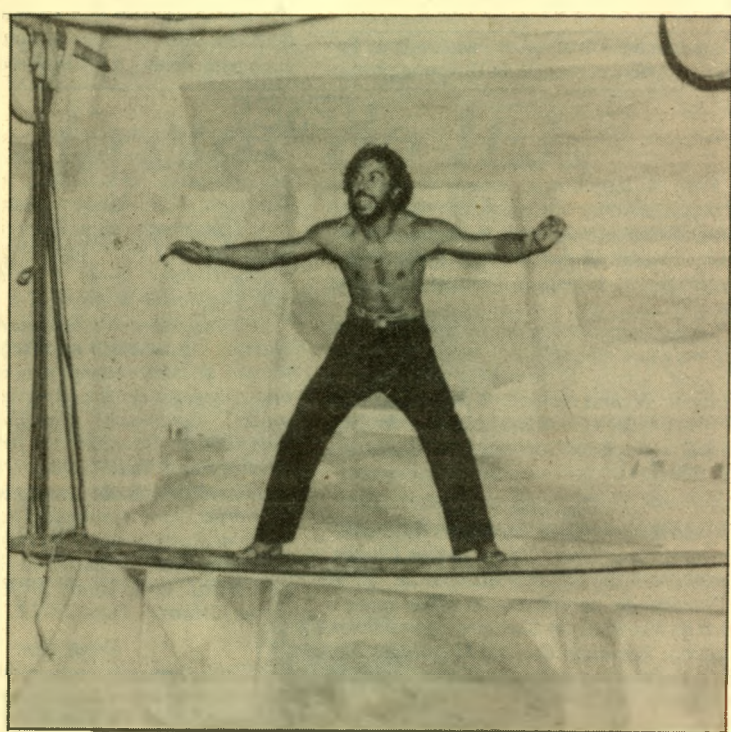
O sonho de Severino é deixar de ser um músico marginal e gravar um disco. Mais tarde descobre a impossibilidade de fazê-lo. Seu espaço de trabalho inexiste: há sempre uma forte interferência da polícia durante o desempenho do músico de rua. Por isso mesmo, ele é um homem sem canto. Às vezes deixa a improvisação nas praças públicas para tentar um bico como servente de pedreiro. Continua, entretanto, sem moradia; tudo é provisório em sua passagem pela agitada metrópole.

Aos poucos vai perdendo a resistência e despojando-se dos vínculos regionais. As folias sagradas como a de Reis, o Bumba-meu-boi ou as manifestações em louvor a São Sebastião, das quais participava — a fim de homenagear um santo e não para se exibir —, ficam cada vez mais distantes, transformando-se em outro som.

A falta de respeito ao espaço do músico de rua é bastante enfatizada na montagem de Coré. "Se tivesse um ponto fixo para transmitir sua arte às massas — protegido da interferência policial —, ele certamente desfrutaria de uma vida mais decente e menos conturbada", pondera o ator Anderson do Lago Leite, outro diretor do espetáculo.

Ao contrário, a figura do policial está sempre presente no cotidiano desses personagens. "Por isso mesmo, transformam-se em verdadeiros camaleões. O imigrante vira qualquer coisa para se safar da repressão", diz Graziela, justificando: "durante uma cena de rua, Severino corre da polícia para o ponto de um mendigo na calçada, pedindo-lhe abrigo". Com um trapo na cabeça ele quase personifica o maltrapilho. E ligeiramente agachado retoma o seu show, desta vez sem microfone, mas enriquecido por um pandeiro bem tamborilado.

Uma série de harmoniosas acrobacias em cordas, feitas pelo próprio Coré, valoriza o espetáculo, marcado por um apelo rítmico originário de sons de zabumbas que compõem o cenário de um prédio em construção, moradia de Seven. No início da apresentação, fora da sala de espetáculos, ele contracena com três alunas do Departamento de Artes Corporais: Rosana Batistela é Odete, uma mulher grávida que vive de esmolas nas praças e segura o microfone para Seven em suas apresentações. Renata Bittencourt interpreta o mendigo que divide, não poucas vezes, seu espaço com o músico; e Gracia Navarro faz a mulher sensual que o transporta para suas fantasias amorosas distantes, no momento em que passa por ele na praça durante o show.

O microfone é usado como um signo. Vendedores de ervas, pregadores religiosos, artistas circenses, populares e improvisadores de modo geral atuam amplificados, já há algum tempo, ainda que os equipamentos sejam precários.

Severino no palco: uma questão de identidade cultural.

Cenário fecundo

Para elaborar seu trabalho, Marco Aurélio realizou pesquisas de campo na Praça da Sé em São Paulo e, em Campinas, no calçadão da rua 13 de Maio, nos largos do Pará e do Rosário, entre outros pontos de encontro desses personagens. Ele vivenciou os fatos à distância, através da observação, e também entrevistou alguns tocadores de rua, a quem ofereceu gorjetas, passando a interagir com eles e a sofrer também seus conflitos.

Marco Aurélio cursou a disciplina de dança brasileira no triênio 87, 88 e 89, quando começou a lidar com os elementos de seu atual trabalho. "O objetivo dessa montagem é resgatar o conflito existente em cada pessoa, utilizando para isso a figura do retirante: o que ele está jogando fora ou negando em seu interior e a identidade que carrega em sua mala, por exemplo", afirma.

O trabalho foi enriquecido por fontes diversas e pesquisas de campo. O coco interpretado por Severino na montagem é extraído da Banda de Taquara (Minas Novas), assim como a Folia do Divino (Turmalina/Minas Gerais) ou a Zabumba de Celi (Rubim/Minas Gerais). Uma das zabumbas em cena foi confeccionada por um lavrador. Algumas versões musicais, como *La Bamba*, *Futuro Indicativo*, *Rock das Horas*, *O Pulso* e *Repente Urbano*, são também cantadas e tocadas durante o espetáculo por Severino/Seven. **(L.C.V)**